

UM PEDAGOGO NO TERREIRO: O QUE VI, OUVI E APRENDI NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ

ROMEUS SANCHES DA PAIXÃO¹
ITAMAR PEREIRA AGUIAR²

INTRODUÇÃO

Compreendendo o Terreiro de Candomblé como um espaço de relações e que o fazer pedagógico é uma prática diária e inerente a atividade humana, propõe-se aqui, apresentar um recorte que nos permita entender este espaço como educativo. Está pesquisa parte da experiência, atravessada pela minha formação acadêmica, construção e constituição enquanto praticante do culto de matriz afro, indígena, brasileiro, mais especificamente, no Terreiro Ilê Axé Oluayê Nílá – Jequié/BA.

Durante minha trajetória dentro do espaço religioso, alguns processos, organização e, a própria disposição do local, me remetiam a uma pedagogia específica, que se desenrola nas conversas cotidianas, no comportamento dos filhos e filhas de Santo, e os próprios cultos ali celebrados. É importante considerar que em alguns momentos os olharem podem tender para a visão da Pedagogia Simbólica de Byinton (1995), porém, não é o caminho que buscamos trilhar, mesmo reconhecendo alguns aspectos e princípios semelhantes, não está no nosso prisma filiar o que estamos chamando de Pedagogia de Terreiro ao conceito supracitado.

Quando falamos sobre essa especificidade do Terreiro e sua pedagogia, estamos apontando para as fronteiras étnicas, as quais se estabelecem e constroem uma epistemologia local, que interpreta e apresenta os mitos e legados afro, indígena, brasileiro seguindo a narrativa dos mais velhos que resistiram, lutaram e deram sua contribuição para a manutenção de aspectos fundantes para o fazer religioso e a própria construção das bases sócio-mítico-pedagógica do Terreiro de Candomblé.

Quando falamos de Candomblé, estamos necessariamente tratando de uma religião cuja construção se dá através de uma reorganização a partir da herança dos saberes de nossos antepassados africanos e indígenas, representado como estratégia de preservação cultural, mesmo sendo atravessada pelos elementos das diversas culturas que aqui coexistiam, esses atravessamentos nos direcionam para uma categoria de análise intitulada “Candomblés do Sertão” elaborada por Aguiar (2012), que em suas pesquisas conclui serem expressões culturais eminentemente sincréticas que foram “construídas a partir do encontro

¹ Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2020). Mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em andamento, ano de conclusão (2024). E-mail: romeusanches.da.paixao@gmail.com

² Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (1979). Especialização em Metodologia do ensino Superior (PUC Minas Gerais, 1986). Mestrado em Ciências Sociais (PUC, São Paulo 1999), Doutorado em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia, (PUC, São Paulo, 2007) e Pós Doutorado em Ciências Sociais, pela UNESP, Campus de Marília – SP (2014). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia vinculado ao mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC-UESB). E-mail: itamarpaguiar@hotmail.com.

entre negros, índios e europeus no sertão”.

Dado este fato, buscamos entender e reconhecer que todas as práticas, saberes e pedagogia ali realizadas pertencem aquele local, e todos os fenômenos ali apresentados dizem respeito apenas aquela comunidade. Reafirmar o Terreiro de Candomblé enquanto um espaço que produz e reproduz sua realidade a partir de concepções próprias nos leva a reconhecer seu saber tradicional ou o saber local, como nos apresentou Geertz (2002), isso nos fornece segurança para dizer que em outros espaços religiosos certamente existem saberes e práticas ou até mesmo uma pedagogia, porém aqui, envidamos esforços para as compreensões dentro do Terreiro Ilê Axé Oluayê Nilá – Jequié/BA.

Ademais, nos parece relevante apresentar uma visão real, em forma de uma observação participante e um relato de experiência, que busca trazer uma perspectiva em que o Terreiro seja visto como um espaço de práticas religiosas e pedagógicas, que contribui na formação de sujeitos que conhecem e reconhecem o legado afro, indígena, brasileiro de forma não colonial, podendo, assim, questionar e refletir acerca das visões eurocêntricas.

O CANDOMBLÉ E O SABER TRADICIONAL

Antes de mais nada, é primordial em nossas discussões desconstruir a visão folclórica acerca dos cultos e ritos celebrados no Terreiro de Candomblé e que a construção de uma compreensão coesa, real e concisa requer um exercício de contextualização que em nenhum momento estabeleça quadros comparativos ou juízo de valor diante das práticas e saberes que compõem as celebrações religiosas da casa cultu. Quando se realiza uma pesquisa em um grupo/comunidade tradicional é necessário o esforço para compreender o mundo através dos olhos do outro, fazendo com que compreendamos os fenômenos da mesma forma que os sujeitos que os produzem

Uma contribuição importante da antropologia social foi demonstrar que as instituições sociais e culturais das sociedades afastadas da nossa precisam ser entendidas, se realmente a quisermos entender, a partir das idéias e valores vigentes naquelas sociedades, e não simplesmente nos nossos próprios termos. E este tipo de compreensão só é possível quando o investigador se muda, em geral literalmente, e não apenas metaforicamente, da sua própria cultura para a estranha que deseja compreender, e ‘aprende’ a nova cultura como aprenderia uma nova língua. (BEATTIE, 1971, p. 2).

Quando trazemos aqui um relato de experiência, trazemos também a nossa pertença ao fenômeno e local pesquisado, o que exige um esforço para entender as dificuldades e facilidades que tal pertencimento propõe, o que de certo modo nos aproxima de autoras e autores que partilham, ou partilharam da mesma situação, de modo que recorremos a Braga (1988), quando relata sua experiência:

Algumas vezes não nos foi possível obter certas informações por termos sido identificados como “pessoa da seita”. Supunham que estávamos procurando testar seus conhecimentos ou, embora não frequentemente,

que tínhamos intenção de lhes fazer algum tipo de mal. O fato de sermos conhecidos nessas comunidades resultou para nós em certos obstáculos na obtenção de dados que necessitávamos. Entretanto, isso nos permitiu a coleta de informações que jamais seriam fornecidas a uma pessoa totalmente estranha ao grupo religioso. (BRAGA, 1988, p. 19).

Pertencer a um Terreiro de Candomblé é afirmar que pertencemos a uma família, referimo-nos a ela como “família de Santo”, Pierre Verger em sua obra *Orixá: deuses iorubas na África e novo mundo* (1997), nos apresenta o entendimento de Candomblé como famílias numerosas que contam com participantes vivos ou ancestrais (mortos), que conduzem e mediam os saberes e práticas ancestrais no cotidiano.

A compreensão de família resulta em relações que de certo modo ditam e regulam os comportamentos em conformidade com os padrões morais e éticos concebidos dentro do Terreiro, é importante ressaltarmos que esses padrões morais e éticos podem e certamente devem variar em cada casa de culto, bem como ocorre nas famílias consanguíneas, e outras comunidades religiosas ou não. É necessário afirmar e reafirmar sempre que o Candomblé é uma religião brasileira, sua origem se dá em uma espécie de compêndio dos mais diversos cultos africanos, sendo assim “uma religião de matriz africana, mas especificamente brasileira.” (BARROS, 2005, p. 22).

Para além dos cultos africanos é importante considerar que, também, foram incorporados aos cultos os saberes e práticas indígenas, além da sincretização com elementos do colonizador. No Candomblé são preservadas visões que dizem muito sobre a forma de ser e estar no mundo, não necessariamente, seus fiéis buscam fortalecer suas casas com números expressivos de filhos e filhas, bem como, não tentamos exercer convencimentos objetivando apresentar uma verdade absoluta que se sobreponha a outras perspectivas e epistemologias religiosas.

Os saberes tradicionais são mediados pela figura dos mais velhos, que também tem a responsabilidade de ensinar as filhas e filhos a preservar a tradição, uma vez que, o conhecimento envolve o que entendemos como energia vital, chamada de Axé. Na organização do espaço, é possível percebermos diversos símbolos que tem uma carga de conhecimento densa e cheia de partes, que vão sendo desvendadas pelos fiéis através do acúmulo de vivências e conhecimentos socializados ou observados. A observação atenta é uma condição necessária para a aprendizagem, considerando que no Terreiro existe uma divisão hierárquica nitidamente estabelecida, que diferenciam filhos e filhas, mães e pais e a própria mãe de Santo.

Essas diferenças são estabelecidas através de critérios, cargo que ocupa, tempo de iniciado e tempo dentro do Terreiro. A posição que se ocupa no Terreiro determina diretamente suas ações e responsabilidades frente à comunidade, quanto mais alto o cargo, maior sua responsabilidade e acesso aos segredos que compõem a religião; no que se refere ao tempo de iniciado, destacamos se tratar de uma religião iniciática que prepara o neófito durante certos períodos, que pode variar devido as condições pessoais e espirituais de cada sujeito, que findo o processo da iniciação ocupa nova posição, podendo acessar novos saberes e práticas contribuindo na mediação dos conhecimento da tradição.

Já quando falamos de tempo dentro do Terreiro, essa é uma categoria que,

de certa forma, atravessa todas as outras, uma vez que o tempo é condição fundamental no estabelecimento da hierarquia, sendo que, dentre as pessoas que tem cargo, as mais velhas assumem maiores responsabilidades, já para aqueles que não tem cargo e, também, ainda não foram iniciados, o tempo é condição diferencial, uma vez que por estarem a um período maior dentro do espaço, conhecem suas normas e organização, podendo assim contribuir no processo de socialização daqueles que são mais novos.

Na perspectiva do saber tradicional, as entidades e os atos praticados dentro desse espaço de culto, demonstram elementos que contribuem para identificar a cultura que ali se manifesta, compreendendo que os toques, as danças, as cantigas, a forma como se canta, os mitos e ritos compõem um arcabouço teórico ancestral que fundamenta a pedagogia da tradição.

Ao abordamos os saberes da tradição em referência a cultura, história e legado afro, indígena, brasileiro, no âmbito religioso, é necessário repensar o que se estabelece como tradição, uma vez que dentro do Terreiro de Candomblé, especificamente na cidade de Jequié no Sudoeste da Bahia, a tradição é recontada, reinventada e recontextualizada, não nos parecendo necessária a busca de um Candomblé puro, ou mais próximo, supostamente, do prático em África, como também, o desprendimento do nagôcentrismo.

Quando é proposto por Aguiar uma categoria chamada “Candomblés do Sertão” já se reconhece uma prática religiosa singular, em que a figura da entidade conhecida como “boiadeiro” é central, e tem o boi como mito fundador, especificidade encontrado no Sertão da Ressaca, no Sudoeste da Bahia. Essa especificidade não pode, necessariamente, representar todos os Candomblés do Sertão baiano e, nem tem essa pretensão, apenas categoriza o tipo do rito afro, indígena, brasileiro, em uma região onde a atividade econômica predominante, tradicionalmente, foi a pecuária extensiva, em que o chamado “Caboclo Boiadeiro” desempenha um papel de destaque na prática religiosa.

Portanto, falar de Candomblé e suas tradições no Brasil é um exercício que requer cuidado com as generalizações. Não assumimos aqui que estas não existam, porém, existem outras questões que compõem o culto e sua estruturação, talvez a principal delas o local onde se desenrolam os ritos, festas e atividades, sobre o pressuposto de que cada casa é uma casa, assim como “cada casa com seu uso, cada linha com seu fuso”. Entendê-las requer tempo e dissociação da visão maniqueísta tão difundida e estabelecida na sociedade brasileira.

EDUCAÇÃO EM TERREIRO DE CANDOMBLÉ

Em uma sociedade onde a escola representa o único meio de apreensão dos conhecimentos formadores do cidadão, a busca por uma proposta de análise educacional que altere a ordem social estabelecida, causa estranheza, sendo que a necessidade de reinterpretação e apresentação de outros conhecimentos formadores, além dos muros da escola, abre espaço para a discussão e contestação acerca dos modelos educacionais hegemônicos. Diante desse contexto a necessidade de rediscussão da suposta identidade nacional emerge, mesmo que nas entrelinhas. Logo, é necessário reconhecermos as várias identidades que compõem a nação e que se reverberam em toda sociedade

brasileira. Questionar a homogeneização e visão monocultural (MORREIRA; CANDAU, 2008), é romper com essa concepção e adotar um exercício que coloca em xeque a herança colonial presente no cotidiano da maioria das pessoas neste país.

Quando refletimos sobre a construção do que hoje chamamos de sociedade brasileira, é de fundamental importância reconhecer e valorizar aquelas e aqueles que a compuseram e resistiram para abrir os caminhos, no caso específico deste estudo, quando falamos de terreiro de Candomblé, diretamente nos referimos aos povos africanos e indígenas brasileiros.

Apresentando o Terreiro de Candomblé como um espaço detentor de uma Pedagogia própria é fulcral reconhecermos todo o *ethos* contido em suas práticas

Estabelecendo e proporcionando uma ética própria, vem imprimindo formas de relações sociais, estipulando formas próprias de organização e hierarquias, estimulando a vida comunal e estabelecendo padrões estéticos próprios e formas específicas de comunicação e acesso ao riquíssimo sistema simbólico pleno de conhecimento e sabedoria que vai caracterizar uma pedagogia negra iniciática. (LOPES, 1987, p 64).

Diante dessa afirmativa entendemos que o Candomblé tem uma perspectiva educacional não colonial, e os métodos que se utilizam na pedagogia de Terreiro demonstram uma grande discrepância, quando comparados com metodologias e métodos da escola tida como formal. Quando apontamos essas diferenças, uma delas tem importância que não a sobrepõe às demais. No entanto, atribuímos a ela um destaque, dentro do terreiro é a mais corriqueira, estramos no referindo a tradição oral, questionada pela visão eurocêntrica ocidental. Por outro lado, Hampaté Bá nos apresenta

Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. (HAMPATÉ BÁ, 2010, p. 168).

Quando falamos sobre tradição oral é importante considerar que a própria palavra gera o movimento, pois é através dela que se apresentam as histórias de nossos ancestrais das quais são extraídos os elementos que irão compor a pedagogia do Terreiro, que se ancora nos saberes dos mais velhos, responsáveis diretos na manutenção, preservação e reverberação dos saberes fundamentais que mantém viva a memória de nossos ancestrais vindos de África. Para Hampaté Bá (2010), isso “conduz o homem à sua totalidade”, compreendido em uma perspectiva Ontológica.

Ainda haverá aqueles que podem discutir sobre supostas fragilidades nessa forma de mediação dos saberes e práticas, porém, a história nos apresenta fatos que, apesar de toda evangelização, as culturas africanas e indígenas brasileiras, se mantiveram e se mantêm vivas, mesmo com todos os ataques e, do tão nocivo racismo estrutural. Muitos desses legados afro-indígenas passaram por um processo de embranquecimento, buscando desassociar o produto do produtor, especificamente aqui falamos do samba, estilo musical de raiz negra. Nesse

epistemicídio, como aponta Sueli Carneiro (2005), todas as subalternizações impostas aos povos africanos dentro do espaço Terreiro, ainda se reconduzem a raiz, onde as histórias são contadas de uma outra forma, demonstrando toda força e resistência do povo.

Neste aspecto, podemos compreender que apesar de todas as barreiras, tentativas de anulações, silenciamento e desprezo, a história e cultura afro, indígena, brasileira resiste, se sustentando nas práticas e pedagogias ancestrais, através dos passos de uma dança, nas rezas, nos cânticos, nos momentos de falar e de calar, é nesse local que aprendemos a compreender nossa realidade, olhando para frente, mas nos sustentando na força e saberes de nossos antepassados e em seus ensinamentos, que nos dão a condição de reinterpretar os padrões, e questionar os modelos educacionais hegemônicos, que sempre tentaram anular as produções africanas e afro, brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia do Terreiro de Candomblé por mais tradicional que seja, ainda vive e acompanha as inevitáveis mudanças sugeridas pelo tempo, porém seus esforços são envidados objetivando a preservação e manutenção de elementos essenciais para a realização dos cultos, sem desprezar as novidades que surgem, diferentemente do modelo da escola formal, que ainda resiste e demonstra suas fragilidades no estabelecer de mecanismos para o trato com a alteridade, uma vez que o modelo colonizador propõe uma educação buscando a homogeneidade. Mesmo tendo salientado anteriormente, ainda possa existir comparações com a Pedagogia Simbólica, já que os dois modelos se ancoram nas lacunas que a educação formal não alcança, destacando aqui novamente que apesar das semelhanças quando identificamos a epistemologia de cada uma as comparações não encontram mais um ponto de convergência comum.

É importante também nos resguardar quanto as possíveis comparações que possam surgir entre Terreiros, mas, tentamos aqui deixar apenas uma contribuição surgida dentro do Terreiro Ilê Axé Oluayê Nílá, que estrutura toda sua condição, produção, saberes e práticas, seguindo as orientações que outrora lhe foram passadas, tanto pelos ancestrais vivos, quanto aquelas e aqueles que fizeram e ainda fazem parte deste espaço de culto. Com isso enfatizamos, categoricamente, que este relato de experiência busca apresentar o que foi constituído e as aprendizagens que esse local forneceu, considerando que existe a grande possibilidade de outros espaços terem suas práticas e saberes próprios, que podem ser entendidos como uma Pedagogia ou não.

Então, reconhecemos que os símbolos, organização e estrutura do Terreiro dialogam entre si, e ajudam na construção de um conjunto de saberes e práticas, que exercem influência no funcionamento da casa, nos comportamentos dos filhos e filhas, bem como, nas condições que auxiliam na constituição das referências que aproximam e diferenciam as práticas de outros espaços e indicam os pertencimentos como revelam as raízes que dão base aos cultos e celebrações ali manifestadas.

Contudo, o Terreiro é um espaço de aprendizagem que se constitui, preferencialmente, na construção de um ambiente favorável à manutenção e

assimilação dos aspectos que influenciam e preservam a tradição do local, além dos ensinamentos que sugerem aos filhos e filhas, uma nova visão de mundo, como também, a reinterpretação acerca dos mitos, história e cultura afro, indígena, brasileira, diferenciando-se da visão eurocêntrica e hegemônica. Além das tensões que podem ser suscitadas, esperamos também que os olhares reconheçam o Terreiro como espaço religioso e educativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Itamar Pereira de. *Os candomblés do sertão: A diversidade religiosa afro-indígena-brasileira*. In: Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queiros, ISSN 2179-9636, Ano 2, nº 5, mar. 2012.

BARROS, José Flávio Pessoa de. *A fogueira de Xangô, o Orixá do fogo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

BRAGA, Júlio. *O jogo de búzios: um estudo da adivinhação no Candomblé*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BEATTIE, John. *Introdução à Antropologia Social: objetivos, métodos e realizações da Antropologia Social*. São Paulo: Nacional, 1971.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo, USP, 2005. (p. 96-126).

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: RJ, Vozes, 1997.

HAMPATÉ BÁ, Amadou. "A tradição viva". In: KI-ZERBO (Editor). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.

LOPES, Helena Teodoro (Org.); NASCIMENTO, Maria Beatriz; SIQUEIRA, José Jorge. *Negro e Cultura no Brasil – Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1987.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria (Org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo*. Salvador: Corrupio, 1997.